

Max Weber

**A ÉTICA
PROTESTANTE
E O ESPÍRITO
DO
CAPITALISMO**

Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais

CAPÍTULO I

Filiação Religiosa e Estratificação Social¹

Qualquer observação da estatística ocupacional de um país de composição religiosa mista traz à luz, com notável frequência,² um fenómeno que já tem provocado repetidas discussões na imprensa e literatura católicas³ e em congressos católicos na Alemanha: o fato de os líderes do mundo dos negócios e proprietários do capital, assim como dos níveis mais altos da mão-de-obra qualificada, principalmente o pessoal técnico e comercialmente especializado das modernas empresas, serem preponderantemente protestantes.⁴ Isso não ocorre apenas quando a diferença de religião coincide com uma de nacionalidade, e, em consequência, com uma de desenvolvimento cultural, como é o caso dos alemães e dos poloneses da Alemanha Oriental.* Dêle se encontram manifestações nas estatísticas de filiação religiosa de qualquer parte em que o Capitalismo, na época de sua grande expansão, teve a possibilidade de alterar a distribuição social da população de acordo com as suas necessidades, e de lhe determinar sua estrutura ocupacional. Quanto maior a sua liberdade de ação, tanto maior a clareza do efeito apontado. É verdade que a maior participação relativa dos protestantes na propriedade do capital⁵ na direção e na hierarquia superior do trabalho nas grandes e modernas empresas comerciais e industriais⁶ pode em parte ser explicada por fatores históricos,⁷ que se estendem a um passado longínquo, e, no qual a filiação religiosa não é uma causa das condições económicas mas em certa extensão, aparece como resultante delas. A participação de tais funções

* Nas regiões que, desde a última guerra mundial, estão incorporadas ao território polonês.

econômicas usualmente envolve, em parte, alguma posse prévia de capital, em parte, uma educação dispendiosa, e, na maioria das vezes, ambas, que hoje em dia dependem largamente da posse de uma riqueza herdada, ou pelo menos de um certo grau de bem-estar material. Justamente uma parte daqueles domínios do antigo império, os mais desenvolvidos economicamente e os mais favorecidos pelos recursos e pela situação natural, principalmente as mais ricas cidades, é que aderiram ao protestantismo no século XVI. Os resultados dessa circunstância até hoje favorecem os protestantes na sua luta pela sobrevivência econômica. Surge, em consequência, a seguinte interrogação histórica: por que razão as regiões de maior desenvolvimento econômico foram, ao mesmo tempo, particularmente favoráveis a uma revolução na Igreja? A resposta a ela não é tão simples como se poderia pensar.

A emancipação do tradicionalismo econômico aparece indubitavelmente como um fator de apoio à tendência de duvidar da santidade da tradição religiosa, e de todas as autoridades tradicionais. É necessário notar, todavia, algo que muitas vezes tem sido esquecido, o fato de a Reforma não ter implicado na eliminação do controle da Igreja sobre a vida cotidiana, mas antes na substituição do controle vigente por uma nova forma. Equivaleu, isto sim, ao repúdio de um controle que era muito ténue na época, dificilmente perceptível na prática, porque pouco mais do que formal, em favor de uma regulamentação de toda a conduta, que, penetrando em todos os setores da vida pública e privada, era infinitamente mais importuna e levada a sério. O domínio da Igreja Católica, punindo o herege, mas perdendo o pecador, (no passado, ainda mais do que agora), é atualmente tolerado por povos de caráter econômico inteiramente moderno, e nasceu entre as mais ricas, e economicamente mais avançadas, nações da Terra, por volta do século XV. O domínio do Calvinismo, como o introduzido no século XVI em Genebra e na Escócia, na passagem do século XVI para o século XVII em grande parte dos Países Baixos, no século XVII na Nova Inglaterra, e, por algum tempo, na própria Inglaterra, seria, por sua vez, a forma mais insuportável de controle eclesiástico do indivíduo que até então já pôde existir. Justamente dessa forma é que foi sentido por largas camadas do velho patriciado daquela época, tanto em Genebra, como na Holanda e na Inglaterra.

Da mesma forma, os reformadores desses países, de alto nível de desenvolvimento econômico, queixavam-se, não de demanda de controle da vida cotidiana por parte da Igreja, mas da falta de controle. Como seu deus então que, naquele tempo, os países mais avançados economicamente e, dentro deles, as classes médias "burguesas", não somente falharam na resistência a essa tirania inédita do Puritanismo, como ainda a defenderam hereticamente, de uma maneira raramente vista antes, e nunca depois manifestada, a tal ponto que Carlyle a cognominou, não sem razão, de *"the last of our heroisms"*.*

Mas, há além disso algo de muito importante: pode ser — como se tem dito — que a maior participação dos protestantes nas posições de proprietário e gerente na moderna vida econômica seja atualmente encarada, em parte pelo menos, como simples resultado da maior riqueza material por eles herdada. Ao mesmo tempo, contudo, há certos outros fenômenos, cuja relação de causalidade não pode ser interpretada da mesma maneira. Pertence a esses fenômenos, apenas para citar alguns casos, a grande diferença — perceptível em Baden, na Bavária e na Hungria — entre o tipo de ensino superior propiciado por católicos e protestantes a seus respectivos filhos. O fato de a percentagem de católicos entre os estudantes e os formados nos institutos de ensino superior ser geralmente inferior à proporção vigente na população total¹⁸ pode ser largamente explicado em termos de diferenças herdadas de riqueza. Mas, que também entre os próprios formados católicos, a percentagem dos oriundos de institutos "modernos",¹⁹ especialmente dos de preparo para estudos técnicos e ocupações comerciais e industriais, e, em geral, para a vida comercial da classe média — liceus e escolas reais,²⁰ escolas municipais etc. — seja muito inferior à dos protestantes,²¹ enquanto a preferência dos católicos esteja orientada para

* O último dos nossos heroísmos (em inglês no texto original).

¹⁸ Modernos para a época em que este ensaio foi escrito. É o caso, por exemplo, dos institutos politécnicos, cuja criação, no século passado, foi determinada pela revolução industrial.

¹⁹ Palavras todas postas entre aspas por não haver para elas tradução exata em português. Para maiores esclarecimentos sobre essas instituições, consulte-se, por exemplo, Lorenzo Luzuriaga: *História da Educação Pública*, trad. de L. Damasco Penna e J. B. Damasco Penna — São Paulo, 1960 — Cia. Ed. Nacional, caps. III e IV.

uma espécie de aprendizagem fornecida pelo gínasio humanístico, são fenômenos aos quais não se aplicam as explicações acima, constituindo, ao contrário, uma das razões pelas quais não poucos católicos estejam interessados na empresa capitalista.

Mais patente ainda é a observação dos fatores que em parte ajudam a explicar a pequena proporção de católicos entre os trabalhadores especializados da moderna indústria. Sabe-se que a fábrica obteve boa parte da sua mão-de-obra especializada entre os jovens artesãos; este fato, todavia, é muito mais verdadeiro para os diaristas protestantes do que para os católicos. Isto porque, entre os diaristas, tor- denotam maior tendência para permanecer no artesanato, tornando-se, consequentemente, muitas vezes, mestres-artesãos, enquanto os protestantes são mais atraídos pelas fábricas, onde preenchem as camadas superiores da mão-de-obra especializada e as posições administrativas.¹⁰ A explicação desses casos está, sem dúvida, nas peculiaridades mentais e espirituais adquiridas do meio, especialmente do tipo de educação propiciada pela atmosfera religiosa do lar e da família, que determinaram a escolha da ocupação, e, através dela, da carreira profissional.

A menor participação dos católicos na moderna vida mercantil da Alemanha é tanto mais notável quanto contrária a uma tendência que tem sido observada em todos os tempos,¹¹ inclusive no presente: a tendência das minorias, nacionais ou religiosas, colocadas numa posição de subordinação para com um grupo de governantes, de se envolver com particular empenho nas atividades econômicas, através de sua voluntária, ou involuntária, exclusão das posições de influência política. Seus membros mais capazes anseiam por ver reconhecidas as suas habilidades nesse campo, embora não haja oportunidade de fazê-lo a serviço do Estado. Isso tem sido indubitavelmente verdadeiro com os poloneses na Rússia e na Prússia Oriental, onde — ao contrário da Galícia, sua terra natal — conseguiram um desenvolvimento econômico incontestável. O mesmo ocorreu com os Huguenotes da França de Luis XIV, com os não-conformistas e Quakers da Inglaterra, e, finalmente, com os judeus nos últimos dois mil anos. Mas, com relações aos católicos da Alemanha, nada há a notar nesse

* Em inglês no original: *last not least*.

senido, e também no passado não tiveram eles, ao contrário dos protestantes da Holanda ou da Inglaterra, numa época em que foram perseguidos ou apenas tolerados, um desenvolvimento econômico de importância. Por outro lado, impõe-se o fato de os protestantes (especialmente em alguns de seus ramos que serão discutidos mais adiante), tanto como classe dirigentes, quanto como classe dirigida, seja como maioria, seja como minoria, terem demonstrado tendência específica para o racionalismo econômico, que não pôde ser observada entre os católicos em qualquer uma dessas situações.¹² A razão dessas diferentes atitudes deve, portanto, ser procurada no caráter intrínseco permanente de suas crenças religiosas, e não apenas em suas temporárias situações externas na história e na política.¹³

Trata-se, assim, de investigar quais os elementos dessa particularidade das religiões que obraram, e ainda atuam no sentido indicado. A partir de uma análise superficial, e na base de certas impressões cotidianas, poder-se-ia ser tentado definir a diferença da seguinte maneira: o maior "alheamento do mundo" do catolicismo, os traços ascéticos dos seus mais altos ideais, levaram seus seguidores a uma maior indiferença frente aos bens desse mundo. Essa constatação corresponde, aliás, aos esquemas populares de julgamento de ambas as religiões. Do lado protestante, essa concepção é usada para a crítica daqueles (verdadeiros ou supostos) ideais ascéticos do modo de viver católico, ao passo que os católicos a isso respondem com uma crítica ao "materialismo" resultante da secularização de todos os ideais pelo protestantismo. Um autor contemporâneo tentou equacionar a diferença das duas atitudes para com a vida econômica da seguinte maneira: "O católico é mais tranqüilo, tem menos impulso aquisitivo; prefere uma vida, a mais segura possível, mesmo que isto implique em uma renda menor, à uma vida arriscada e cheia de excitação, mesmo que essa torne possível a obtenção de honrarias e riquezas. Isso é comprovado de maneira irônica pelo provérbio 'coma ou durma bem'. No presente caso, o protestante prefere saciar-se e o católico dormir sem ser perturbado".¹⁴

Com efeito, esse "desejo de comer bem", pode ser considerado uma característica correta, embora incompleta, da

* No original, *Weltfremdheit*.

motivação de muitos protestantes de nome, na Alemanha e na atualidade.* No passado, entretanto, as coisas não foram apenas bem diferentes, mas para os puritanos ingleses, holandeses e norte-americanos, caracterizaram-se exatamente pelo contrário da “alegria de viver”** e esse traço era um dos mais importantes de seu caráter. E, mais do que isso, o protestantismo francês, entre outros, reteve durante muito tempo, e ainda retém, em certa medida, até o presente, o caráter adquirido pelas igrejas calvinistas de todos os países e, especialmente, as “sob a cruz”, do tempo das guerras religiosas. Esse caráter foi, entretanto — ou por isso mesmo, como iremos indagar mais adiante — reconhecidamente um dos fatores mais importantes do desenvolvimento industrial e capitalístico da França, e assim continuou sendo na pequena escala permitida pela perseguição movida aos protestantes. Se se qualificar de alheamento do mundo essa seriedade e a forte preponderância de interesses religiosos na maneira de viver, verifica-se que os calvinistas franceses eram, e ainda são, pelo menos tão alheios ao mundo como os católicos do norte da Alemanha, para os quais o catolicismo tem uma importância que a religião apenas costuma ter para poucos no mundo. Tanto uns como os outros diferem de uma maneira semelhante da tendência religiosa predominante em seus respectivos países. Os católicos franceses mostram-se em suas camadas inferiores, muito interessados nos prazeres da vida, e, nas mais altas, abertamente hostis à religião. Da mesma forma, os protestantes alemães são atualmente absorvidos pela vida econômica contemporânea, e, nas camadas superiores indiferentes em sua maioria às questões religiosas.¹⁵ Difícilmente algo prova, tão claramente como essa comparação, que tais idéias vagas do (alegado) alheamento do mundo do Catolicismo e da materialista alegria de viver do protestantismo, e muitas outras do mesmo tipo, a nada levam por não se concretizarem em sua generalização, seja no passado, seja ainda no presente. Se se quiser, entretanto, trabalhar com elas, deverão ser acrescentadas, às já apresentadas, algumas observações que sugiram que o suposto conflito entre o alheamento do mundo, o ascetismo e a devoção eclesiástica, de um lado, e, a participação na vida industrial do

* Trecho grifado pelo Autor.

No original, Weltfreude.

capitalismo, do outro, possam vir a estruturar-se numa íntima relação de afinidade. (cavalier)

Começando por uma observação algo superficial, um fato que parece bastante sintomático é o da grande quantidade de representantes das formas mais espirituais da confissão cristã oriundos das classes comerciais. O pietismo, principalmente, deve a essa origem um grande número dos seus mais sérios adeptos. Esse fato pode ser explicado como uma espécie de reação contra o "mamonismo" por parte de naturezas sensíveis, não ajustadas à vida comercial, e, como no processo de Francisco de Assis, muitos dos próprios pietistas assim interpretaram a sua conversão. Da mesma forma, pode-se interpretar o fato igualmente notável de muitos dos maiores empreendedores capitalistas — até Cecil Rhodes — terem surgido de famílias de clérigos, como uma reação à formação ascética que lhes fôra dispensada na juventude. Contudo, essa forma de explicação falha quando um extraordinário senso comercial e capitalístico se mistura, nas mesmas pessoas e grupos, com as formas mais intensas de uma religiosidade que penetra em todos os setores e domina tôdas as suas vidas. Tais casos não são isolados, mas sim característicos de muitas das mais importantes igrejas e seitas da história do protestantismo. Essa combinação é especialmente manifesta no calvinismo, qualquer que seja o país em que surgiu.¹⁶ Apesar de pouco importante numericamente na época de expansão do protestantismo, ele era ligado em qualquer país a uma determinada classe social (como o eram aliás os demais ramos do protestantismo), de uma maneira tão característica, é de certa forma, típica, que, por exemplo, nas igrejas dos huguenotes franceses, monges-industriais (comerciantes, artesãos) constituíam boa parte dos fiéis, especialmente na época das perseguições.¹⁷ Até os espanhóis sabiam que a heresia (dos calvinistas da Holanda) "promove o comércio", e isso vem coincidir com as opiniões expressas por Sir William Petty, em sua discussão sobre as razões do desenvolvimento capitalista nos Países Baixos. Goethe¹⁸ corretamente qualifica a diáspora dos calvinistas como "essência da economia capitalista".¹⁹ Mesmo assim, todavia, poder-se-ia considerar como fator decisivo a (superioridade das culturas econômicas francesa e holandesa, que deram origem a essa diáspora), ou, quem sabe, a imensa influência do exílio na decomposição das relações

S. W. P. A. 1000

١٥٠

via eu talin
easne ondu bica?

sociais tradicionais.²⁰ Na França, porém, a situação era — como sabemos pela luta de Colbert — a mesma até no século XVII. Mesmo a Áustria — para não falar de outros países — diretamente importava os comerciantes protestantes.

Nem todos os ramos do protestantismo, contudo, parecem ter tido forte influência nesse sentido. A do calvinismo foi, ao que parece, das mais fortes, inclusive na Alemanha, e a religião reformada,²¹ mais do que outras, parece ter promovido o desenvolvimento do espírito do capitalismo, no Wupperthal, como em outras regiões. Muito mais do que o luteranismo, como bem o provam comparações, tanto genéricas como específicas, e como parecem prová-lo estudos feitos no Wupperthal.²² Buckle e, entre outros poetas ingleses, Keats, acentuam essa mesma relação no caso da Escócia.²³ Ainda mais notável, pois apenas deve ser lembrada, é a relação entre uma filosofia religiosa da vida com o mais intenso desenvolvimento da mentalidade comercial justamente no rol daquelas seitas cujo alheamento da vida se tornou tão pro-verbial quanto a sua riqueza, principalmente entre os quakers e os menonitas. O papel que os primeiros tiveram na Inglaterra e na América do Norte, coube aos segundos nos Países Baixos e na Alemanha. O fato de terem sido tolerados na Prússia Oriental por Frederico Guilherme I, como indispensáveis à indústria, apesar de sua absoluta recusa de prestar qualquer serviço militar, constitui apenas um dos muitos que ilustram o caso, mas, tendo-se em vista a personalidade d'esse monarca, não deixa de ser um dos mais significativos. Finalmente, que essa combinação de intensa religiosidade com um igualmente desenvolvido espírito mercantil tivesse sido também característico dos pietistas, já é fato bastante conhecido de todos.²⁴ Basta ter em mente a região do Reno e o Calw.*

É desnecessário acumular mais exemplos nessa exposição puramente introdutória, pois a esses poucos servem para mostrar que o espírito de trabalho, o progresso, ou qualquer outro nome que lhe possa ser dado, e cujo despertar se esteja inclinado a atribuir ao protestantismo, não deve ser entendido, como alguns pretendem fazê-lo, como alegria de viver, ou em qualquer outro sentido ligado ao Iluminismo. O velho

* Distrito do Estado alemão de Baden-Württemberg, situado no vale do rio Nagold, ao norte da Floresta Negra.

protestantismo de Lutero, Calvino, Knox, Voët, quase nada tinha a ver com o que hoje denominamos progresso. Opunha-se êle de forma hostil a setores ínteros da vida contemporânea, que não são mais contestados atualmente nem pelos religiosos mais extremados. Se se quiser achar qualquer relação interna entre certas expressões do velho espírito protestante e a moderna cultura capitalística, deve-se tentar achá-los, em qualquer hipótese, não na sua alegria de viver, considerada mais ou menos materialística, ou pelo menos anti-ascética, mas nas suas características puramente religiosas. Montesquieu (*Esprit des Loïs*, Livro XX, capítulo 7.^o) diz dos ingleses que "êles foram os que mais progrediram de todos os povos do mundo em três coisas importantes: na religião, no comércio e na liberdade". Não será possível que sua superioridade comercial e a sua adaptação a instituições políticas liberais tenham algum ponto de contato com esse grau de religiosidade que Montesquieu observou entre êles?

Grande número de relações possíveis, vagamente perceptíveis, ocorrem quando se coloca a pergunta nesse sentido. A nossa tarefa será agora a de formular, tão claramente quanto for possível, o que percebemos de maneira confusa, levando em consideração a inextricável diversidade encontrável em todo material histórico. Mas, para chegar a isso, deve-se deixar de lado o âmbito dos conceitos vagos e gerais com os quais lidamos até agora, e tentar penetrar nas características peculiares e nas diferenças entre aqueles grandes mundos de pensamento religioso que existiram historicamente nos vários ramos do Cristianismo.

Antes de fazê-lo, entretanto, são necessárias algumas observações, primeiro sobre as peculiaridades do fenómeno do qual estamos procurando uma explicação histórica, e depois, com relação ao sentido em que tal explanação é possível, dentro dos limites dessas investigações.